



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

AVALIAÇÃO DOS REFLEXOS DAS CRISES ASIÁTICA E RUSSA NAS ECONOMIAS-MEMBRO DO MERCOSUL: UMA ANÁLISE QUE SE ESTENDE DO PERÍODO DE 1997-2007.

Kátia José da Silva- UNESPAR/FECILCAM, katinhajns@hotmail.com

Luciana Aparecida Bastos- UNESPAR/FECILCAM, singerlu@gmail.com

RESUMO: Este projeto de pesquisa visa discutir os reflexos que as Crises Asiática de 1997 e Russa de 1998 tiveram sobre a conjuntura e o desempenho comercial (intra e extra-regional) das economias-membro do Mercosul. De acordo com Marx as Crises Asiática (1997) e Russa (1998) são oriundas de uma crise maior: a crise do próprio sistema capitalista de produção. Segundo o autor, há que se levar em consideração que no capitalismo as crises, quando não abrem espaço para revoluções, são habitualmente um mecanismo que permite a limpeza de capitais “sobrantes”, favorecendo a concentração e centralização do capital, gerando as condições para a recuperação da taxa de lucro. Nessa perspectiva, vários estudiosos da economia internacional como Amaral (2007), Barbosa (1996), Cardoso (1993) Coggiola (2004), dentre outros, tem se preocupado em avaliar os principais reflexos que a crise do capital reproduz nas mais distintas economias globais, de forma a gerar outras crises que, em proporções secundárias, causam desordem no sistema internacional. Devido a isso, surge o interesse em desenvolver uma pesquisa que procure delinear os reflexos que as últimas crises capitalistas da década de 1990, a saber: A crise Asiática (1997) e a crise Russa (1998), fruto dessa crise maior do capitalismo, trouxeram para as economias membro do Mercosul, como a desvalorização do real em 1999 e a crise argentina que por sua vez afetaram as demais economias-membro pondo em risco a integração almejada pelo bloco.

Palavras-chaves: Mercosul, Crise Asiática, Crise Russa.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1990 muitos países, principalmente os considerados emergentes, vêm experimentando crises financeiras e cambiais. As Crises Mexicana (1994), Asiática (1997) e

VI EPCT

Russa (1998) são oriundas de uma crise maior: a crise do próprio sistema capitalista de produção, de acordo com Marx (1989).

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

O objetivo deste trabalho consiste em realizar uma avaliação dos reflexos das crises Asiática (1997) e Russa (1998) nas economias-membro do Mercosul, a saber: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. O estudo dos reflexos dessas crises nas economias do Mercosul se faz demasiadamente importante devido ao contexto, em que as mesmas se encontravam, de abertura econômica via políticas de desempenho nos investimentos, poupança, redução de inflação e expansão do crescimento econômico, advinda de uma política maior: a da redução do protecionismo aliada à presença do Estado nas atividades econômicas.

Com a redução do protecionismo junto ao acirramento do processo de globalização, ocorre um aumento, na década em questão, nas entradas de Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) pelas economias capitalistas.

Estes IDEs propiciam um crescimento econômico de curto prazo considerável, todavia, tornam as economias que deles se tornam dependentes, frágeis em relação a mudanças conjunturais, estruturais e políticas, fragilidade esta que posta em âmbito globalizado trás junto a fuga destes investimentos uma instabilidade mundial. A exemplo destas fugas de IDEs temos as três crises que assolaram a década de 1990, a crise Mexicana (1994), a Asiática (1997), e a Russa (1998), as duas ultimas foco de nossa análise.

A relevância desse estudo está em demonstrar que as crises das economias capitalistas da década de 1990, são frutos de um aspecto muito mais amplo, a saber: as crises cíclicas do capital, que seriam em parte provocadas pelas decisões liberais e neoliberais, nas quais pauta-se o capitalismo. Nesse sentido, far-se-á necessário o retomo das idéias de Marx sobre a produção do valor, as quais servirão de guia para o pensamento teórico sobre os impasses do capitalismo, junto a obras de estudiosos como: (AMARAL, 2007; BASTOS, 2009; CANUTO, 2000; COGGIOLA, 2007) para se avaliar os impactos das crises econômicas internacionais da década de 1990, nas economias-membro do Mercosul, de 1997-2007.

2 DEFINIÇÃO DO OBJETIVO E PROBLEMÁTICA

A década de 1990, marcada, por sua vez, pela intensificação dos movimentos globalizantes e, em especial, pela forte interdependência dos mercados financeiros



VI EPCT

internacionais, vem a caracterizar-se como um período de instabilidade das grandes potências econômicas mundiais, absortas pelos fluxos de capitais internacionais.

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Nesse contexto, os países emergentes tornam-se os mais vulneráveis às fugas de capitais resultantes das sucessivas quedas nas Bolsas de Valores de todo o mundo. Isso ocorre porque tais países são demasiado dependentes do capital estrangeiro para consolidar seus projetos de crescimento e desenvolvimento econômico e, ainda, dependem sobremaneira da comercialização de commodities para obter divisas, cujos preços são formados em Bolsas de Mercadorias e Futuros.

Desta forma, quando os investidores retiram seus capitais de curto prazo de uma determinada economia, em ritmo e volume significativos, provocam grandes prejuízos às economias que dependem desses capitais para financiar seus déficits comerciais e públicos.

Para o caso específico dos países do Mercosul, com destaque para Argentina e Brasil, alguns episódios decorrentes da nova realidade internacional na década de 1990 influenciaram diretamente na condução de suas políticas econômicas, com fortes conseqüências para seu desempenho comercial, tanto em âmbito regional quanto em âmbito mundial. Estes episódios são: A crise mexicana (1994), a crise financeira e cambial da Ásia (1997) e a crise russa (1998). (BASTOS 2009).

Tais crises, após o advento da globalização, regionalização, integração econômica e multilateralização das relações econômicas internacionais, têm seus impactos também globalizados pelos mais distintos países do mundo. Tais impactos implicaram em ajustes macroeconômicos, drásticos nessas economias, e ainda, implicam em ajustes macroeconômicos, cambiais e comerciais de todas as demais economias mundiais, uma vez que elas estão imersas num mundo globalizado, sobretudo nas economias em desenvolvimento que são mais frágeis.

Desse modo, é que se justifica o interesse em avaliar quais foram os reflexos que as últimas crises capitalistas mundiais da década de 1990: Asiática (1997) e Russa (1998), tiveram sobre as economias-membro do Mercosul.

Verificar de que maneira a Crises Asiática (1997) e Russa (1998) influenciaram no desempenho macroeconômico e comercial das economias do Mercosul, a saber: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, nesse período, tratam-se do objetivo geral pretendido.

Especificamente ainda será verificado se as crises Asiática e Russa foram determinantes para a política monetária de desvalorização do real em 1999, que causou grandes transtornos para as demais economias do Mercosul, sobretudo nas economias Uruguia e Argentina.

VI EPCT

3 METODOLOGIA

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

As metodologias adotadas para atender aos objetivos da pesquisa são: inicialmente o Método histórico de Investigação-Avaliação dos fatores geradores das crises capitalistas internacionais, haja vista a importância de pesquisar suas raízes para compreender sua natureza e sua função, através de obras de estudiosos como: (AMARAL, 2007; BASTOS, 2009; CANUTO, 2000; COGGIOLA, 2004; MARX, 1989), dentre outros estudiosos de grande prestígio.

Por conseguinte será empregado o Método Estatístico descritivo de Investigação para a análise que será realizada mediante a posterior coleta de dados que respaldem as conclusões dos impactos macroeconômicos e comerciais que essas crises geraram em cada economia-membro do Mercosul, através de dados coletados de fontes fidedignas como ALADI, CEPAL, dentre outras.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 MARX: ANÁLISE DAS CRISES CAPITALISTAS

A magnitude de O Capital de Marx estende-se além de sua época até o mundo contemporâneo. A obra foi idealizada em meio às realidades vivenciadas pelo autor, como o advento da burguesia aliado a Revolução Indústria, para explicar a sociedade que ali acendia: a sociedade capitalista, se fazendo inegavelmente significativa devido seu caráter crítico a Economia política se expandir a uma análise histórica, filosófica e social.

Marx foi o primeiro pensador a ligar as crises ao sistema capitalista. O autor destaca contradições importantes para análise da crise sendo preciso ao informar que a tendência decrescente da taxa de lucro prediz a superprodução, a especulação, as crises, capital e população excedente. O autor revela que embora existam as tendências contrabalanceadoras, no transcorrer do tempo, a queda da taxa tende a dominar o cenário.

Segundo Marx (1989) as crises são derivações da acumulação capitalista. O autor as identifica como necessárias para a resolução das contradições internas do capital.

A acumulação desenvolve consigo tanto a taxa decrescente de lucro quanto as influências contrabalanceadoras, de maneira contraditória chega um ponto que se torna impossível continuar acumulando, o capital, então, entra em crise para reestruturar-se mediante a destruição de parte das suas forças produtivas.

VI EPCT

Na crise o que ocorre em geral é uma destruição das forças produtivas através da redução dos investimentos, pois a taxa de juros já não está atrativa, uma redução nos salários, baixa do nível de preços e outros movimentos valorizar o capital para os sobreviventes.

Com a queda da taxa de lucro, os capitalistas retêm a oferta de crédito, causando: a destruição dos capitais que já não conseguem se reproduzir, acumular; a interrupção da produção ampliada e a destruição das forças produtivas até que a taxa de lucro seja restaurada. Retoma-se as condições para o investimento a economia cresce até o ponto em que as contradições levam a outra crise.

Os desdobramentos das crises dentre as demais economias, seu nível internacional, pode ser introduzido no seguinte trecho de Coggiola:

Não só o monopólio encontrava-se antecipado n' *O Capital*, mas também a base para a análise dos superbenefícios obtidos pelo capital monopolista da exploração das nações atrasadas baseadas nos diversos níveis de desenvolvimento das forças produtivas: Conforme a produção capitalista se desenvolve em um país, a intensidade e a produtividade do trabalho dentro dele vai remontando-se sobre o nível internacional.(COGGIOLA, 2004, P. 35-36).

Nesse ponto é passível de se ver a relação entre os países capitalistas. Marx atenta para o movimento de capitais dos países desenvolvidos para os mais atrasados vislumbrando um aumento da taxa de lucro. Devido essa movimentação surge uma taxa média de lucro da variação dessas taxas, menores e maiores, beneficiando os monopólios. Todavia esse lucro médio internacional deve ser considerado uma tendência que incide, no transcorrer de seu curso, em crises mundiais.

Mediante esses desdobramentos conceituais de Marx (1989), em suma, podemos ressaltar que: primeiramente, segundo o autor, a realidade da crise é repleta de contradições. Por um lado, a pressão concorrencial leva os capitalistas a buscarem uma constante inovação, por outro, esse desenvolvimento das forças produtivas os leva a crise.

Observa-se, então, como essa crise do capital pode repercutir em crises menores no mundo capitalista globalizado. No caso desta pesquisa o foco de análise são as crises econômicas da década de 1990, sobretudo a crise Asiática, ocorrida em 1997 e a crise Russa, de 1998, bem como a repercussão dessas crises nas economias-membro do Mercosul.

5 AS CRISES ASIÁTICA (1997) E RUSSA (1998)

VI EPCT

A crise asiática, de 1997, aconteceu em meio a um cenário de fuga de capitais e deflação dos ativos financeiros.

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Durante a crise asiática, ocorreu no Mercosul uma nova conjuntura de instabilidade econômica, que resultou da crise financeira e cambial que se estabeleceu na Ásia, trazendo, por sua vez, os seguintes reflexos ao desempenho comercial do Mercosul: uma redução da corrente de comércio tanto intra quanto extra-bloco. A única exceção foi para o comércio de bens intra-bloco, pelo lado das importações do Mercosul, que permaneceu inalterado de 1997 para 1998. (AMARAL 2007; BASTOS, 2009).

A crise financeira e cambial asiática de 1997-1998 é abordada, de acordo com obras de estudiosos do assunto como: Amaral (2007), Bastos (2009) e Canuto (2000), como sendo sumamente importante devido a seu alcance global e sua repercussão em países em vias de desenvolvimento econômico, como o Brasil e a Argentina, principais economias do Mercosul. A princípio, essa crise instaurou-se em cinco países asiáticos, sendo eles: Coreia do Sul, Indonésia, Filipinas, Malásia e Tailândia.

Dentre as características financeiras da crise asiática, Canuto (2000) destaca que em comum nos cinco países em foco (Coreia do Sul, Indonésia, Filipinas, Malásia e Tailândia) observava-se uma desvalorização de suas moedas, em relação ao dólar, e a queda dos preços dos ativos no mercado de ações, ambas concomitantes a saída de capitais.

O estopim da crise ocorreu em dois de julho de 1997 com o anúncio de que a moeda tailandesa (baht), passaria a flutuar, acabando por acarretar em uma desvalorização de 15% da mesma e no alastramento dessa situação às demais economias emergentes da região, mesmo naquelas que conseguiram contornar a crise cambial.

Essa crise financeira transformou-se em crise econômica ao causar o declínio dos PIBs dessas economias, que anteriormente alcançaram índices de crescimento consideráveis não denunciando a extensão e proporção que se deu a crise asiática no contexto mundial.

Trata-se do superendividamento doméstico. Vários intérpretes passaram, então nesse momento, a enfatizar a volatilidade dos fluxos internacionais de capitais de curto prazo. (CANUTO, 2000).

No que tange à avaliação das causas financeiras da crise, observa-se que o intenso ciclo de entrada e saída de capital externo, comum a toda região, é de suma importância para o entendimento da mesma. O que passa a ocorrer é uma entrada de investimentos diretos externos (IDE), e de investimentos em carteira e portfólio, "(...) causando superaquecimento nas economias domésticas, bem como pressões especulativas de alta nos ativos. Tailândia e Malásia chegaram a receber fluxos acima de 10% do PIB(...)." (CANUTO, 2000, P. 7)

VI EPCT

Entre o período de 1993 a 1997 cresceram de forma acentuada a razão passivo bancário/PIB, e a razão dívidas de curto prazo e reservas nas cinco economias asiáticas.

No que se refere às causas da crise asiática, Canuto (2000),

afirma que mesmo não necessariamente sendo apontados como causas para crise asiática, alguns fatos externos são tidos como, no mínimo, reforços da vulnerabilidade dessas economias envolvidas; sendo estes, ocorridos quase simultaneamente: crescimento das exportações chinesas, após sua desvalorização cambial em 1994, a depressão econômica japonesa, implicando menores compras de produtos dos vizinhos; e a valorização do dólar em relação ao iene e outras moedas em 1995-1997.

A consequência, destacada pelo autor, a despeito desses fatos abordados acima, foi a desaceleração das exportações desses cinco países emergentes antes da crise financeira de 1997. Embora esses choques sejam insuficientes para explicar a crise, demonstram a instabilidade financeira em que se encontravam essas economias.

5.1 A CRISE RUSSA DE 1998

Em 1998, os efeitos da Crise Asiática passam a atingir o mercado financeiro russo, e aliado à crise do petróleo, conseqüentemente, a Rússia também entra em crise nesse mesmo ano, desvalorizando sua moeda, o rublo, e decretando moratória parcial de sua dívida externa.

Por sua vez, é destacado como sendo o principal fator causador da crise russa a incapacidade das autoridades em resolver seus problemas estruturais e fiscais.

Após uma queda das receitas em 1997 o governo intervém com soluções frustradas ao passo que essas não atenderam às expectativas de aumento das receitas em 1998. O que se percebeu contrariamente ao desejado foi uma substancial queda do PIB e, por conseguinte, um endividamento governamental que buscava ser financiado via créditos de curto prazo.

Essas entradas de capitais de curto prazo tiveram um papel decisivo no que tange a definição da taxa de juro dos bilhetes do tesouro (BT's). Devido o fácil acesso ao financiamento externo desenvolveram-se duas estratégias de financiamento, a saber: empréstimos nos mercados internacionais e vendas de BT's de curto prazo. Dado essas estratégias podemos então salientar a considerável vulnerabilidade às alterações nos mercados nesse momento. (LUIS, 1998).

Assim, abordados resumidamente quais foram os fatores geradores dessas duas graves crises internacionais da década de 1990, oriundas, por sua vez de uma crise maior: a

VI EPCT

crise do capital, tal qual abordada por Marx, que se constituiu no fundamento teórico deste trabalho, será realizado, neste tópico, uma breve alusão às repercussões dessas crises nas economias do Mercosul. Usando como base os principais reflexos dessas duas crises nessas economias, uma vez que a década de 1990, foi, para as economias latino-americanas, uma década de profundas transformações econômicas.

6 A AMÉRICA LATINA

A América Latina, na década de 1990, inicia um processo de abertura econômica nos países do Mercosul. Concomitante a esta abertura tem-se a eleição de quatro presidentes de direita, sendo eles: Lacalle, no Uruguai, Andres Rodriguez, no Paraguai, Menen, na Argentina e Collor, no Brasil. Segundo Bastos (2009), o intento era o de ampliar a abertura econômica da região, devido à exigência do próprio processo de globalização, intensificado na década de 1980, gerador de grandes mudanças na economia mundial via liberalismo econômico.

Arelado à globalização, a união dos mercados, e a abertura econômica, gerou-se um desenvolvimento econômico crescente que acabou por eclodir em graves crises econômicas de proporções mundiais, como vimos anteriormente, de forma concisa.

Desta forma, e para atender aos objetivos da pesquisa, passaremos a analisar, especificamente, as influências dessas crises nas economias-membro do Mercosul.

O Mercosul surge em 1994 com o objetivo de fomentar o comércio regional via abertura econômica e benefícios tarifários propiciando notáveis avanços para os países membros do mesmo.

O processo de integração do Mercosul favoreceu a entrada de capitais estrangeiros (IDE) principalmente nos países de maior destaque como Brasil, México e Argentina como podemos observar na tabela a seguir:



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

TABELA 1

Principais receptores de IDE na América Latina (1994-1998).

Países	1990/94*	1995	1996	1997	1998
Argentina	2.931	5.610	6.949	9.161	7.292
Brasil	1.703	4.859	11.20	19.60	31.93
México	5.409	9.526	9.186	12.81	11.32
Outros	4.275	8.089	14.46	20.33	16.27
Total AL	14.318	28.084	41.741	61.985	66.764

FONTE: Informes La Inversión Extranjera da CEPAL (em milhões de dólares)- In Bastos (2009)

Observa-se que a entrada de IDE aumentou após 1994 com a consolidação do Mercosul.

Segundo Bastos (2009), esses IDEs para o Mercosul sofrem variações no transcorrer do tempo, porém, se mantêm em suma atrativos. No caso do Brasil, devido as assimetrias entre o mesmo e os demais países-membros do bloco, os investidores estrangeiros se mostraram mais propensos a investir em nossa economia em detrimento as demais, o que acabou por gerar tensões dentro do bloco. Tais tensões são um dos reflexos que podem ser observados dado o cenário de mudanças que após a assinatura do Tratado de Assunção (1991) e a consolidação do MERCOSUL (1994) se deram atreladas às crises da década de 1990.

7 OS REFLEXOS DAS CRISES ASIÁTICA (1997) E RUSSA (1998) NAS ECONOMIAS-MEMBRO DO MERCOSUL

Durante a crise asiática (1997) e russa (1998) o mundo se deparou com um novo cenário de instabilidade, haja vista o caráter contagioso destas, tanto no que tange o câmbio quanto o setor financeiro, onde as conjunturas econômicas passaram a sofrer transformações de grandes proporções.

VI EPCT

No que diz respeito às economias membro do MERCOSUL, recém formadas em 1994, não foi diferente, principalmente e aliado ao fato de que todos os países integrantes do bloco se tratavam de países em desenvolvimento e portanto os mais atingidos por crises de caráter mundial. Sendo assim, passaremos a analisar com maior afinco tais reflexos no desempenho dessas economias.

No que se refere aos investimentos estrangeiros diretos (IDE) que haviam aumentado seu fluxo desde 1994, com as crises asiática (1997) e russa (1998) tem-se uma diminuição dos mesmos a partir de 2000, como pode ser observado ao comparar as tabelas 1 e 2, devido a desconfiança dos investidores sobre os países em desenvolvimento, quanto ao retorno de tais investimento.

TABELA 2

Principais países receptores de IDE na América Latina (1999-2001).

Países	1999	2000	2001	Total **	%**
Argentina	23.984	11.665	3.181	70.773	16,31
Brasil	28.576	32.779	22.636	153.316	35,34
México	11.915	13.286	24.730	98.195	22,63
Outros	18.152	12.913	17.158	111.583	25,72
Total AL	82.627	70.643	67.705	433.867	100,0

FONTE: Informes La Inversión Extranjera da CEPAL (em milhões de dólares)-In Bastos (2009)

Assim, podemos observar que, de 1999-2001, a desvalorização do real (1999) e a Crise Argentina (2001), paralelas a este período, acabaram por influenciar negativamente a integração do Mercosul, provocando uma redução nas entradas de IDE no Brasil e na Argentina a partir de 2001, como pode ser visto no quadro acima.

No se refere aos reflexos que provocaram nos países-membros do Mercosul, observemos a tabela a seguir:



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

TABELA 3

Comércio de Bens Mundial e do Mercosul: 1997-1998, US\$ bilhões.

Comércio	1997	1998
EXPORTAÇÃO		
Mundial	5.581	5.498
<i>Mercosul</i>	83,2	81,4
Intra-bloco	21,0	20,0
Extra-bloco	63,0	61,0
IMPORTAÇÃO		
Mundial	5.736	5.673
<i>Mercosul</i>	102,6	98,7
Intra-bloco	21,0	21,0
Extra-bloco	81,0	78,0
CORRENTE DE COMÉRCIO		
<i>Mercosul</i>	185,1	180,1
Intra-bloco	42,0	41,0
Extra-bloco	144,0	139,0

Fonte: WTO, 2004 (adaptação)- In Bastos (2009).

A tabela 3 mostra o comércio de bens mundial e do Mercosul, entre 1997-98, anos onde ocorreram as crises asiática e russa, respectivamente.

Um dos reflexos observáveis das crises no desempenho do MERCOSUL foi uma redução da corrente de comércio tanto intra quanto extra-bloco. A única exceção foi para o comércio de bens intra-bloco, pelo lado das importações do Mercosul, que permaneceu inalterado de 1997 para 1998.(BASTOS , 2009).

A tabela 4, mostra a situação do comércio de bens mundial e do Mercosul de 1999 a 2004, anos subseqüentes à deflagração das crises.

VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

TABELA 4

Comércio de Bens Mundial e do Mercosul: 1999-2004, US\$ bilhões.

Comércio	1999	2000	2001	2002	2003	2004
EXPORTAÇÃO						
Mundial	5.712	6.449	6.183	6.482	7.551	9.153
Mercosul	74,3	84,6	87,8	88,8	106,1	135,5
Intra-bloco	15,0	18,0	15,0	10,0	13,0	17,0
Extra-bloco	59,0	67,0	73,0	79,0	93,0	118,0
IMPORTAÇÃO						
Mundial	5,911	6.715	6.474	6.724	7.832	9.495
Mercosul	82,4	89,4	83,9	62,2	68,6	94,0
Intra-bloco	16,0	18,0	16,0	11,0	13,0	18,0
Extra-bloco	67,0	72,0	68,0	52,0	55,0	76,0
CORRENTE DE COMÉRCIO						
Mercosul	156,7	174,0	171,7	151,0	174,7	229,5
Intra-bloco	31,0	36,0	31,0	21,0	26,0	35,0
Extra-bloco	126,0	139,0	141,0	131,0	148,0	194,0

Fonte: WTO, 2004- adaptação- In Bastos (2009).

Observando a tabela 4, podemos destacar que a tendência de queda no volume de comércio tanto intra-bloco quanto extra-bloco do Mercosul continuou até 1999, comparando-a com 1997 e 1998, na tabela 3.

A crise russa afetou diretamente os países emergentes, pois gerou uma desconfiança no cenário mundial visto que se acreditava provável o acontecimento do mesmo que se passou tanto na Rússia quanto na Ásia a estes países. No Brasil isto resultou em uma fuga maciça de capital e conseqüentemente levou o governo, que não mais conseguia sustentar o regime cambial vigente, a desvalorizar o real deixando-o flutuar em 1999.

VI EPCT

Em 1999 com a desvalorização do real, que vislumbrava facilitar as exportações e gerar divisas, os países parceiros do Mercosul passam a sofrer , a partir de então, as consequências dessa política brasileira de estabilização econômica haja vista os reflexos das crises asiática e russa como a fuga do IDEs e a queda no volume de comércio tanto

intra quanto extra-bloco. Com a redução nos preços dos produtos aliada ao acordo tarifário entre os países-membros uma leva dos mesmos passa a invadir os mercados desses países e a gerar uma grave desestabilização econômica que acaba eclodindo em uma crise diplomática dentro do bloco ameaçando, assim, a sua continuidade.

Os efeitos da desvalorização do real refletem negativamente na Argentina influenciando na explosão de sua crise em 2001.

A Argentina para se defender dos efeitos da desvalorização do real inicia um processo de proteção econômica que contradizia os próprios preceitos da Liberalização Comercial passando a depender cada vez mais de pacotes do FMI.

O Uruguai sentindo os efeitos da desvalorização junto aos efeitos da Crise Argentina (2001), provinda em parte da desvalorização do real, tem seu PIB reduzido e sua inflação aumentada. (BASTOS, 2009).

Os efeitos da desvalorização do real, por sua vez, levaram o Mercosul, em 2000, a retomar a discussão acerca da convergência macroeconômica dos países-membros , para que não mais as políticas tomadas por um país do bloco , para benefício particular, atingisse negativamente nos demais e para que se possam convergir as políticas macroeconômicas dos países –membros e assim garantir a integração pretendida.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mercosul nasce em meio a um ambiente de profunda mudança do Sistema Internacional.

Nesse contexto, a vitória dos governos de direita neoliberal nos quatro países integrantes do bloco, a saber: Menen, na Argentina, Collor, no Brasil, Lacalle, no Uruguai, e Andrés Rodrigues, no Paraguai, propuseram, através do Tratado de Assunção (1991), a abertura de suas respectivas economias.

Na década de 1990, devido ao processo de abertura comercial das economias-membro, há um acentuado incremento de Investimento Estrangeiro Direto (IDE) para a América Latina, com destaque especial para as duas economias principais do Mercosul: Argentina e Brasil.

VI EPCT

No que tange ao desempenho comercial do bloco, tanto intra quanto extra-regional, alguns fatos decorrentes da nova realidade internacional da década de 1990, acirramento do processo de globalização e a crise asiática, tiveram consequências para o desempenho comercial dos mesmos.

Os episódios mais marcantes em nível internacional, que influenciaram diretamente nessa dinâmica, foram: a Crise Mexicana (1994), a Crise Asiática (1997) e a Crise Russa (1998).

Durante a Crise Asiática, o mundo deparou-se com uma nova conjuntura de instabilidade econômica. Tal crise causou os seguintes reflexos ao desempenho comercial do Mercosul: redução da corrente de comércio tanto intra quanto extra-bloco. A única exceção foi para o comércio de bens intra-bloco, pelo lado das importações do Mercosul.(BASTOS, 2009).

Dado os efeitos da crise asiática aliado à queda no preço do petróleo, em 1998, a Rússia entra em crise decretando moratória. Os seguintes reflexos no desempenho comercial do Mercosul devido a crise russa podem ser pontuados: 1-tendência de queda no volume de comércio tanto intra quanto extra-bloco, até 1999; 2- uma fuga de capital estrangeiro do Brasil, que, em 1998, era de US\$ 31.913 milhões, reduzindo-se para US\$ 28.576, em 1999.

A desvalorização do real, por sua vez, refletiu no surgimento da crise argentina, em 2001, e em geral, negativamente, na própria integração efetiva do bloco.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sandra Maria de Carvalho. **A dinâmica das relações comerciais do Mercosul à luz dos instrumentos de política comercial (1998-2005)**. Universidade de Brasília – UNB- Instituto de Relações Internacionais, Programa de Mestrado em Relações Internacionais. Dissertação de Mestrado, Brasília-DF-, 2007.

BARBOSA, Rubens Antonio. **América Latina em Perspectiva: Integração Regional da Retórica à Realidade**. 1º edição. São Paulo: Editora Aduaneiras, 1996.

BASTOS, Luciana Aparecida. **Avaliação do Desempenho comercial do Mercosul: 1994-2005**. 182 páginas, Tese de Doutorado em Economia, Departamento de História, FFLCH-USP, São Paulo, 2009.

CANUTO, Otaviano. **A crise asiática e seus desdobramentos**. Econômica, nº 4, 2000.

CARDOSO, Eliana & HELWEGE, Ann. **A Economia da América Latina**. São Paulo: Editora Ática, 1993.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

COGGIOLA, Osvaldo Luis Angel. **América Latina: Integração e Desintegração.** (capítulo de livro). *A América Latina e a Globalização*. FFLCH/PPQLA/IV. USP, São Paulo, 2004.

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

LUÍS, Ana Lúcia Matos. **A crise financeira na Rússia.** Disponível em:<http://WWW.dpp.pt/List/Pesquisa%20Avanada/Attachments/1185/infor_inter_1998_I3.pdf>Acesso em:01/07/2011.

MARX, Karl. **O Capital.** vol. I. São Paulo: Editora Dielf, 1989.